



caderno de resumos
I Colóquio de Mulheres
na
FILOSOFIA
da UFS ♀

Expediente

Editor Responsável: Nelson Sant'Ana

Conselho Editorial: Igor Ferreira Fontes, Mariana Dias Pinheiro Santos.

Revisores: Prof.^a Dra. Cecília Mendonça de Souza Leão Santos, Prof.^a Dra. Christine Arndt de Santana, Prof.^a Dra. Mariana Lins Costa, Prof. Dr. Marcos Balieiro.

Capa: Mariana Dias Pinheiro Santos.

Comissão Organizadora:

Prof.^a Dra. Cecília Mendonça de Souza Leão Santos, Prof.^a Dra. Christine Arndt de Santana, Prof.^a Dra. Mariana Lins Costa, M.^a Cinthia Almeida Lima, mestranda Renata Dias Ribeiro, e as graduandas Alessandra Santos da Silva, Ana Carolina Sandres de Melo, Débora Barreto Costa Lima, Doramis Doria Oliveira, Estefane Freitas Barbosa, Isabela Andrade Coringa Fonseca, Mariana Dias Pinheiro Santos, Marina Pereira da Silva, Michele Lavínia Carvalho e Santos, Samara Aparecida Lessa Bispo, Tayná Machado Teles.

Comissão Científica:

Prof.^a Dra. Cecília Mendonça de Souza Leão Santos, Prof.^a Dra. Christine Arndt de Santana, Prof.^a Dra. Mariana Lins Costa, Prof. Dr. Marcos Balieiro, Prof. Dr. Cícero Cunha Bezerra, M.^a Cinthia Almeida Lima, Mestranda Renata Dias Ribeiro.

Monitores: Alexandro Chaves de Freitas dos Santos, Dênia Simone Santos Almeida, Edilene Nunes Soares Santos, Emily Raquel Cavalcante dos Santos, Judie Lorena Santana Canez, Laura Danielle Lima Santos, Luiz Henrique Nunes Santos, Lycia Adrielle Melo Martins, Micaelly Ketily Fróes Bomfim Neri, Maria Karolyne Reis Santana, Rayane Ribeiro dos Santos, Regiane Santos de Melo.

Apoio: CAFILL, DFL-UFS, PPGF-UFS.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
PROGRAMAÇÃO	9
CONTRIBUIÇÕES FEMINISTAS PARA A HISTÓRIA DA FILOSOFIA: O CASO DE TERESA D'ÁVILA E RENÉ DESCARTES	
<i>M.^a Alana Boa Morte Café</i>	12
DA AMBIÇÃO UNIVERSALISTA AO PLURALISMO RAZOÁVEL EM JOHN RAWLS	
<i>M.^a Alexsandra Andrade Santana</i>	13
MICHEL FOUCAULT E A EMERGÊNCIA DA ECONOMIA DO CRIME	
<i>Aline Passos</i>	14
HANNAH ARENDT E UMA ACEPÇÃO POLÍTICA DA DIFERENCIAÇÃO INDIVIDUAL	
<i>Ana Lúcia Feliciano</i>	15
A BUSCA POR LIBERDADE: AS MULHERES NEGRAS NA OBRA DE ANGELA DAVIS	
<i>Bruna Gabriella Santiago Silva</i>	16
A FILOSOFIA E AS MULHERES: UMA QUESTÃO ÉTICA E EPISTEMOLÓGICA	
<i>Prof.^a Carla Jeane Helfemsteller Coelho</i>	17
FEMINISMO E HERMENÊUTICA FILOSÓFICA: A TRADIÇÃO COMO PROBLEMA	
<i>Prof.^a Dra. Cecília Mendonça de Souza Leão Santos</i>	18
PROBLEMATIZANDO A PRESENÇA DA MULHER NA FILOSOFIA A PARTIR DE ALGUNS INDICADORES	
<i>Prof. Dr. Christian Lindberg L. Do Nascimento</i>	19
DA NECESSIDADE DE E LER MADAME DU CHÂTELET HOJE: DISCURSO SOBRE A FELICIDADE	
<i>Prof.^a Dra. Christine Arndt de Santana</i>	20
PENSAR O FEMINISMO SEGUNDO MARCIA TIBUTI: REFLEXÕES SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA NA CONTEMPORANEIDADE	
<i>M.^a Cinthia Almeida Lima</i>	21
A PRESENÇA FEMININA ENTRE PROFESSORXS DE FILOSOFIA DO INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS	

<i>Ellen Maianne Santos Melo Ramalho</i>	22
PRÁTICAS DISCURSIVAS DE PAUTAS FEMINISTAS: COMPARAÇÕES COM BASE NA INTERSECCIONALIDADE E NA DICOTOMIA DE ESFERA PÚBLICA E PRIVADA ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS	
<i>Prof.ª Dra. Flávia Ávila</i>	23
MAQUIAVEL: FORTUNA, CONTINGÊNCIA E LIBERDADE	
<i>Prof.ª Dra. Flávia Benevenuto</i>	24
A AUTONOMIA DA MULHER SOBRE O CORPO: O ABORTO COMO DIREITO DE ESCOLHA	
<i>Gabrielly Lessa</i>	25
DESAFIOS DE PESQUISA PARA AS FILÓSOFAS DO SÉCULO XXI COM BASE NO ARQUEOFEMINISMO	
<i>Dra. Isabel Cristina Michelan de Azevedo</i>	26
“MULHERES, RAÇA E CLASSE”: INTERSECCIONALIDADE E EMANCIPAÇÃO NO MOVIMENTO FEMINISTA	
<i>Isabela Andrade Coringa Fonseca</i>	27
NÍSIA FLORESTA E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUA PRÁTICA TRADUTÓRIA	
<i>M.ª Juliana Cecci Silva</i>	28
IDENTIDADE PESSOAL EM MARYA SCHECHTMAN E O VIÉS FEMININO	
<i>Letícia Ferruzzi Sacchetin</i>	29
O CONCEITO DE VITA ACTIVA E O TOTALITARISMO EM HANNAH ARENDT	
<i>Lillya Rhanna Silva Pereira</i>	30
A DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER E DA CIDADÃ DE OLYMPE DE GOUGES	
<i>M.ª Marcela Prado Mendonça, Marcelo de Sant’Anna Alves Primo</i>	31
A CRÍTICA DE ANNE CONWAY AO DUALISMO CARTESIANO	
<i>Prof. Dr. Marcos Balieiro</i>	32
CINEMA E PENSAMENTO EM VIRGINIA WOOLF	
<i>Maria Cândida Neres Batista</i>	33
COMO LER FILMES HOJE? O UNIVERSO CINEMATOGRAFICO MARVEL (OS VINGADORES): CIRCULAÇÃO E REATUALIZAÇÃO DOS DISCURSOS	
<i>Prof.ª Dra. Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto Barros</i>	34

A MULHER NA FILOSOFIA	
<i>Prof.ª Dra. Maria Luiza Heine</i>	35
NASTÁCIA FILÍPOVNA OU DO HEROÍSMO DA MULHER	
<i>Prof.ª Dra. Mariana Lins Costa</i>	36
MARY WOLLSTONECRAFT E A EDUCAÇÃO FEMININA DO SÉCULO XVIII	
<i>Mariana Dias Pinheiro Santos</i>	37
FILOSOFIA E FEMINISMO: O GÊNERO NA OBRA <i>O SEGUNDO SEXO</i> DE SIMONE DE BEAUVOIR	
<i>M.ª Mayara Oliveira Feitosa</i>	38
O FUTURO PÓS-HUMANO: CONSIDERAÇÕES EM JÜRGEN HABERMAS E DONNA HARAWAY	
<i>M.ª Merielle do Espírito Santo Brandão</i>	39
A (DES)CONSTITUIÇÃO DOS LAÇOS DA VIDA: O NASCER MULHER NA TEORIA CRÍTICA DOS DIREITOS HUMANOS	
<i>Prof.ª Dra. Míriam Coutinho de Faria Alves</i>	40
VIRTUDE E LIBERDADE EM DAMARIS CUDWORTH MASHAM	
<i>Me. Mykael Viana</i>	41
A INTERSEÇÃO ENTRE O FEMINISMO DE BUTLER E O CONCEITO DE DEVIR-MULHER	
<i>Núbia Neves Bernardes</i>	42
O CONCEITO DE FEMINISMO NO PENSAMENTO FILOSÓFICO DE JUDITH BUTLER	
<i>Priscila Gabriela Rocha Silva</i>	43
O FEMINISMO MULTIESPÉCIE DE DONNA HARAWAY COMO ALTERNATIVA DE ENFRENTAMENTO E RE-EXISTÊNCIA NO MUNDO PÓS-HUMANO	
<i>Priscila Laiz de Sousa Ramos</i>	44
LÉLIA GONZALEZ: DA FILOSOFIA AO FEMINISMO NEGRO	
<i>Romero Venâncio, Teresa Martins, Maria Batista Lia</i>	45
UMA ÉTICA EM WALTER BENJAMIN	
<i>Prof.ª M.ª Rosângela Sousa de Almeida</i>	46
O CONCEITO DE SUPERAÇÃO EM HEGEL: UM ESTUDO SOBRE A DOUTRINA DO SER NA CIÊNCIA DA LÓGICA E NA ENCICLOPÉDIA	

<i>Rosmane Gabriele Varjão Alves de Albuquerque</i>	47
A “ESCRITA FEMININA” COMO CRÍTICA DA SUBJETIVIDADE	
<i>Sílvia Faustino de Assis Saes</i>	48
PATRIOTISMO, MILITARISMO E VIOLÊNCIA NA FILOSOFIA	
ANARQUISTA DE EMMA GOLDMAN	
<i>Me. Sizinio Lucas Ferreira de Almeida</i>	49
ÉTICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DAS MULHERES: O JUÍZO MORAL	
SEGUNDO CAROL GILLIGAN	
<i>Victor Fernando Alves Carvalho</i>	50
ACERCA DA REFLEXÃO SOBRE O GOSTO DE MADAME DE LAMBERT	
<i>Prof. Dr. Vladimir de Oliva Mota</i>	51

APRESENTAÇÃO

À Leitora.

Prezada leitora,

Ao começar a apresentação deste caderno de resumos, é forçoso que peçamos desculpas pelo que considerarão uma grande infração contra portugueses. A norma nos informa que quando formos tratar de pronomes pessoais ou sujeitos no plural, se houver um que seja do gênero masculino, é devido usar o masculino; como leitores, doutores, professores etc.. Aqui, iremos infringir tal regra e usar o plural no feminino. Afinal, se o evento desejasse ser tão normativo, consideraria a história da filosofia canônica tal como ela é, e não veria necessidade alguma de trazer à luz os nomes daquelas grandes filósofas que acabam ficando na sombra do cânone.

A semente deste evento começou de maneira inusitada. Durante um outro evento de filosofia que ocorria na Federal de Sergipe, duas alunas, numa dessas conversas de corredor, perguntaram-se por qual razão a Universidade Federal de Sergipe até então não havia promovido nenhum evento sobre mulheres na filosofia. Sem uma resposta, angustiaram-se. Mas ao invés de se estabelecerem numa ilimitada letargia, transformaram sua angústia em desejo de mudança. A questão foi alterada em pouco tempo de “por que até agora não houve nenhum evento sobre mulheres na filosofia?” para “por que nós não fazemos um evento sobre mulheres na filosofia?” Este desejo de mudança não demorou muito para envolver outras alunas e atingir as professoras.

Uma grande comissão organizadora foi formada e se uniu para transformar aquele desejo, aquele sonho histórico na mais pura e adorável realidade. As discordâncias administrativas, científicas ou organizacionais, não duravam muito tempo, pois a comissão toda tinha um único telos: o de tornar este evento o melhor possível.

Em pouco tempo o evento tomou uma dimensão maior do que era esperado. Interessadas de diversas universidades do Brasil submetiam resumos, graduandas de outros estados demonstraram disposição para ajudar da forma que fosse possível, eventos e universidades não pouparam as chances que tinham para divulgar este primeiro evento que aconteceria na Federal de Sergipe. Isto emocionava e alegrava diariamente a comissão.

Três meses de organização, de união, de trabalho, dedicação e de apoio do CAFILL, do DFL-UFS, e do PPGF-UFS, culminou neste evento que reúne mestras, mestradas, doutoras, doutorandas, graduandas e graduadas empenhadas em demonstrar para o público que o cânone estava errado ao encobrir, de forma geral, a mulher na

filosofia. Dito isto, é com grande prazer e orgulho, que apresentamos um dos frutos do I Colóquio de Mulheres na Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

Comissão Organizadora I CMFil UFS

PROGRAMAÇÃO
QUARTA 10/07/2019

10h-12h AUDITÓRIO DO CECH

Mayara Feitosa (UFS) - Filosofia e feminismo: o gênero na obra O segundo sexo de Simone de Beauvoir

Priscila Gabriela Rocha Silva (UFCEG) - O conceito de feminismo no pensamento filosófico de Judith Butler

Núbia Neves Bernardes (UFS) - A interseção entre o feminismo de Butler e o conceito de devir-mulher

Gabrielly Lessa (UFAL). - A autonomia da mulher sobre o corpo: O aborto como direito de escolha

13h-15h AUDITÓRIO DO CECH

Bruna Silva (UFCEG) - A busca por liberdade: as mulheres negras na obra de Angela Davis

Romero Venâncio, Teresa Martins, Maria Batista Lia (UFS) - Lélia Gonzalez: da filosofia ao feminismo negro

15h30-17h30 AUDITÓRIO DO CECH

Christian Lindberg (UFS) - A presença da mulher na Filosofia: problematizando a partir de alguns indicadores

Flávia Ávila (UFS) - Práticas Discursivas de Pautas Feministas: comparações com base na Interseccionalidade e na Dicotomia de Esfera Pública e Privada entre Brasil e Estados Unidos

Isabel Cristina Michelan de Azevedo (UFS) - Desafios de pesquisa para as filósofas do século XXI com base no arqueofeminismo

Maria Emília de Rodat (UFS) - Como ler filmes hoje? O Universo Cinematográfico Marvel (Os Vingadores): circulação e reatualização dos discursos”

19h AUDITÓRIO DA REITORIA

Mariana Lins (UFS) - Nastácia Filíppovna ou do heroísmo da mulher

Sílvia Faustino de Assis Saes (UFBA) - A “escrita feminina” como crítica da subjetividade

Programação
QUINTA 11/07/2019

10h-12h AUDITÓRIO DO CECH

Sizínio Almeida (UFS) - Patriotismo, Militarismo e Violência na filosofia anarquista de Emma Goldman

Victor Carvalho (UFS) - Ética a partir da experiência das mulheres: o juízo moral segundo Carol Gilligan

Letícia Sacchetin (UFMG) - Identidade Pessoal em Marya Schechtman e o viés feminino

Ellen Ramalho (IFAL) - A presença feminina entre professorxs de Filosofia do Instituto Federal de Alagoas

13h-15h AUDITÓRIO DO CECH

Alexsandra Santana (UFS) - Da ambição universalista ao pluralismo razoável em John Rawls

Aline Passos (PPGS-UFS) - Michel Foucault e a emergência da economia do crime

Rosângela Almeida (SEDUC) - Uma ética em Walter Benjamin

Rosmane Albuquerque (UFS) - O conceito de superação em Hegel: Um estudo sobre a Doutrina do Ser na Ciência da Lógica e na Enciclopédia

15h30-17h30 AUDITÓRIO DO CECH

Alana Café (UFS) - Contribuições feministas para a história da filosofia: o caso de Teresa D'Ávila e René Descartes

Marcos Balieiro (UFS) - A crítica de Anne Cownay ao dualismo cartesiano

Mariana Santos (UFS) - Mary Wollstonecraft e a educação feminina do século XVIII

Vladimir Mota (UFS) - Acerca das Reflexões sobre o gosto de Madame de Lambert.

19h AUDITÓRIO DA REITORIA

Carla Jeane Helfemsteller (UNIT) – A filosofia e as mulheres: uma questão ética e epistemológica

Christine Arndt (UFS) – Da necessidade de se ler Madame du Châtelet hoje: Discurso sobre a felicidade

Programação
SEXTA 12/07/2019

10h-12h AUDITÓRIO DO CECH

Lillya Pereira (UFAL) - O Conceito de Vita Activa e o Totalitarismo em Hannah Arendt

Ana Lúcia Feliciano (UFMG) - Hannah Arendt e uma acepção política da diferenciação individual

Maria Batista (UFRB) - Cinema e Pensamento em Virginia Woolf

Juliana Cecci Silva (Unicamp) - Nísia Floresta e algumas considerações sobre a sua prática tradutória

13h-15h AUDITÓRIO DO CECH

Marcela Prado Mendonça (UFS) - A declaração dos direitos da mulher e da cidadã de Olympe de Gouges

Mykael Viana (UFS) - Virtude e Liberdade em Damaris Cudworth Masham

Miriam Coutinho (UFS) - A (des)constituição dos laços da vida: Reflexões sobre o nascer mulher na teoria crítica dos direitos humanos.

Maria Luiza Heine (UNIT) – A mulher na filosofia

15h30-17h30 AUDITÓRIO DO CECH

Cynthia Lima (UFS) - Pensar o feminismo segundo Marcia Tiburi: reflexões sobre a condição feminina na contemporaneidade

Isabela Coringa (UFS) - Mulheres, raça e classe: interseccionalidade e emancipação no movimento feminista

Priscila Ramos (UFAL) - O feminismo multiespécie de Donna Haraway como alternativa de enfrentamento e re-existência no mundo pós-humano

Merielle Brandão (UFAL) – O futuro pós- humano considerações em Jurgen Habermas e Donna Haraway

19h AUDITÓRIO DA REITORIA

Flávia Benevenuto (UFAL) - Maquiavel: fortuna, contingência e liberdade

Cecília Leão (UFS) - Feminismo e hermenêutica filosófica: a tradição como problema

CONTRIBUIÇÕES FEMINISTAS PARA A HISTÓRIA DA FILOSOFIA: O CASO DE TERESA D'ÁVILA E RENÉ DESCARTES

M.^a ALANA BOA MORTE CAFÉ¹

A comunicação trata de abordagens feministas que, conforme identifica Charlotte Witt, buscam iluminar filósofas negligenciadas ou excluídas da história tradicional da filosofia e, como caso particular desse tipo de abordagem, discute a influência que Teresa D'Ávila exerceria sobre René Descartes, segundo propõem os estudos de Christia Mercer. Na hipótese aqui levantada, as revisões feministas da história da filosofia, ao resgatar interlocutoras e influências negligenciadas, elaboram também chaves de leitura originais para autores canônicos e produzem uma série de repercussões gerais sobre as maneiras de compreender as narrativas da história da filosofia. Assim, a tarefa de integrar mulheres à história da filosofia tanto contribui para discutir formas textuais, argumentos e conceitos originais, anteriormente desconsiderados devido ao gênero de suas autoras, quanto oferece maneiras inovadoras de ler os homens consagrados na filosofia tradicional, porque enriquecem a compreensão dos cenários filosóficos no geral. Nesse sentido, o estudo de Christia Mercer, por um lado, introduz a meditação como gênero textual em que, no início da modernidade, destacam-se as produções de mulheres, apresentando especificamente Teresa D'Ávila como expoente original e influente para o período. Por outro lado, Mercer confere um tratamento original à primeira *Meditação* e ao argumento do gênio maligno de Descartes quando os enquadra no contexto mais geral do gênero meditação no início da era moderna e os alinha ao percurso argumentativo de D'Ávila em sua obra *O castelo interior*. Com o caso particular de D'Ávila, Descartes e do início da filosofia moderna, pode-se concluir que as revisões feministas na história da filosofia contribuem para a elaboração de outras maneiras de narrar a filosofia, sem se confundirem simplesmente com a produção de vias alternativas, na medida em que elas incidem sobre as interpretações de figuras canônicas e, em última instância, modificam mesmo o estatuto de uma narrativa tradicional.

Palavras-chave: Teresa D'Ávila; René Descartes; Meditações; Histórias da filosofia feministas; História da filosofia moderna.

¹ Alana Café possui graduação em direito pela Universidade Tiradentes (UNIT) e mestrado em filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); é integrante do Grupo Hume, atuando principalmente na área de história da filosofia moderna.

DA AMBIÇÃO UNIVERSALISTA AO PLURALISMO RAZOÁVEL EM JOHN RAWLS

M^a ALEXSANDRA ANDRADE SANTANA²

A obra de John Rawls pode ser dividida em dois momentos: o primeiro momento é marcado por uma ambição universalista e o segundo pela distinção entre as doutrinas abrangentes (filosóficas, religiosas e morais) e as concepções limitadas ao domínio do político associada ao reconhecimento do pluralismo razoável em uma sociedade democrática. O liberalismo político rawlseano pretende formular uma concepção política da justiça que possa ser endossada pelas mais diversas doutrinas abrangentes, sem a pretensão de substituí-las ou lhes dar um fundamento de verdade. Nosso objetivo é analisar até que ponto Rawls realmente abandona seu projeto iluminista de uma doutrina filosófica secular, abrangente (universal) e baseada na razão e passa a adotar uma posição mais próxima do relativismo, com o reconhecimento do fato do pluralismo razoável, uma vez que ele continua acreditando na razão universal como meio para se alcançar um consenso sobreposto que ultrapasse os limites das divisões entre as crenças.

Palavras-chave: Liberalismo. Relativismo. Universalismo.

² Professora do Departamento de Filosofia da UFS, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFS e membro do Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS (GEFILUFS).

MICHEL FOUCAULT E A EMERGÊNCIA DA ECONOMIA DO CRIME

ALINE PASSOS³

Em suas últimas aulas, reunidas sob o título *Nascimento da Biopolítica*, Michel Foucault se dedicou à compreensão de uma mutação epistemológica operada pelo pensamento neoliberal em direção a saberes e práticas considerados, até então, não-econômicos. Dentre os novos campos de incursão da racionalidade neoliberal, destacou-se um saber voltado ao crime, ao criminoso e à criminalidade em quanto processos econômicos que demandam uma intervenção ambiental e não mais disciplinar, a exemplo do que o próprio autor se dedicou a estudar em *Vigiar e Punir*. O que Foucault sinalizou no início dos anos 1980, foi a emergência de um saber que hoje é conhecido como economia do crime e cujo cerne não é reformar o indivíduo, mas fazê-lo responder a favor da governamentalidade a partir de intervenções sobre o meio ambiente que equacionam os processos de criminalização enquanto procedimentos de gestão. Transformado em *homo oeconomicus*, o criminoso deixa de ser um indivíduo que o poder pretende tornar útil e dócil, e passa a ser entendido como um agente de mercado que deve reagir sistematicamente a determinados estímulos externos na condição de quem calcula riscos e faz uma escolha racional. Não mais obediente ou disciplinado, mas manejável, o *homo oeconomicus* é aquele que se governa ao deixar fazer (*laissez faire*), e a economia do crime, a ciência da sistematicidade das respostas que se pretende obter a partir desta ação “livre”.

Palavras-chave: economia do crime; governamentalidade, neoliberal.

³ Professora na Faculdade Estácio de Sergipe (FASE) no curso de graduação em Direito. Coordenou, entre 2015 e 2016, a pós-graduação lato sensu em Direito Penal e Processo Penal na mesma instituição. Foi professora convidada na pós-graduação lato sensu em Direito e Processo Penal da Universidade Tiradentes entre 2013 e 2015. Possui graduação em direito pela Universidade Federal de Sergipe (2003) e mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2011), onde defendeu a dissertação "A disciplina carcerária na sociedade de controle: uma análise genealógica do Regime Disciplinar Diferenciado". Entre 2012 e 2014 exerceu atividade docente no Departamento de Direito da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente, é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe.

HANNAH ARENDT E UMA ACEPÇÃO POLÍTICA DA DIFERENCIAÇÃO INDIVIDUAL

ANA LÚCIA FELICIANO⁴

No pensamento político arendtiano, a noção de diferenciação individual está atrelada aos conceitos de pluralidade e ação pública. Com efeito, a pluralidade tem sentido tão somente porque existem seres únicos e distintos, dotados de identidade pessoal. Em termos evidentes, nas análises de Hannah Arendt, a pluralidade aparece como um conceito paradoxal, pois tem a ver tanto com a igualdade quanto com a distinção entre as pessoas. Conforme elucida a pensadora, a igualdade consiste no fato de que os homens são membros da mesma espécie e como humanos compartilham características básicas devido à sua natureza comum. Por outro lado, a distinção está expressa na unicidade de cada indivíduo, que em razão de seu nascimento representa algo novo, uma potencialidade iniciadora que jamais foi vista na face da Terra. Isto posto, cabe salientar que a afirmação da singularidade – unicidade e distinção – do agente se dá mediante feitos e palavras no mundo público comum, ou seja, na existência *com* os outros. Percebe-se, pois uma ênfase no caráter revelador da ação e do discurso, tendo em vista que, por meio deles o indivíduo se insere no mundo manifestando *quem é*. Considerando a relevância da interpretação arendtiana, o objetivo é suscitar o debate acerca da conotação política da diferenciação individual. Evitaremos toda e qualquer forma de psicologização, logo não faremos uma abordagem que pensa a pessoa no singular e privilegia o sujeito. Ao contrário, tomando como referencial o pensamento arendtiano, trata-se, de explicitar como acontece a confirmação da identidade única da pessoa humana, a saber, no relacionamento *com* os outros no espaço público.

Palavras-chave: Ação. Identidade. Mundo. Pluralidade.

⁴ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e bolsista do CNPq.

A BUSCA POR LIBERDADE: AS MULHERES NEGRAS NA OBRA DE ANGELA DAVIS

*BRUNA GABRIELLA SANTIAGO SILVA*⁵

O presente trabalho tem como objetivo analisar um tema bastante pertinente na obra da filósofa Angela Davis, que é a questão da população negra e a sua luta por emancipação. Para isso, partimos da obra “Mulheres, Raça e Classe” (2016), analisando a trajetória das mulheres negras em diversos contextos históricos e sociais, de modo que possamos encarar a privação de liberdade no contexto da escravidão e pós-abolição, identificando a permanência desta privação na contemporaneidade, sob a forma do encarceramento em massa da população negra, que entendemos – junto à obra “Estarão as prisões obsoletas?” (DAVIS, 2018) – como os novos complexos industriais prisionais, que são responsáveis pelo confinamento de milhares de mulheres negras. Para trazer a lume as questões relativas à liberdade dessas mulheres, utilizamos a obra “A liberdade é um luta constante” (2017), na qual Davis coloca que é necessário propor uma luta feminista dentro de uma perspectiva interseccional, que reflita sobre a construção da sociedade atual enquanto perpetuação do ideário das *plantations* dentro de uma lógica capitalista. Questionando essa lógica, Davis (2017) propõe a discussão sobre o feminismo abolicionista, que questiona a própria construção histórica da sociedade e o seu impacto na vida das mulheres negras, que, no entendimento da autora (e também no nosso), estão na base da pirâmide social.

Palavras-chave: Angela Davis; Encarceramento em Massa; Liberdade; Mulheres Negras.

⁵ Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

A FILOSOFIA E AS MULHERES: UMA QUESTÃO ÉTICA E EPISTEMOLÓGICA

PROFA. CARLA JEANE HELFEMSTELLER COELHO⁶

O que possibilitou que historicamente fosse engendrada uma lógica de pensamento excludente, capaz de legar às mulheres, papéis e lugares de inferioridade? A partir da análise sobre a demarcada contribuição das mulheres, ao longo da história da filosofia, perscrutar-se -á a possibilidade de uma epistemologia inclusiva e por isto ética.

Palavras-chave: mulheres; filosofia; ética.

⁶ Professora do Programa de Pós Graduação em Direitos Humanos, Membro do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNIT)

FEMINISMO E HERMENÊUTICA FILOSÓFICA: A TRADIÇÃO COMO PROBLEMA

PROF.^a DRA. CECÍLIA MENDONÇA DE SOUZA LEÃO SANTOS⁷

Como deve uma mulher interpretar a naturalização de uma suposta inferioridade feminina em incontáveis obras clássicas da filosofia? Dentre os múltiplos desafios que confrontam filósofas, pesquisadoras e professoras comprometidas em dialogar com pensadores consagrados, talvez seja este o mais árduo. Seja para aquelas que se abstêm da discussão explícita sobre os elementos misóginos que respingam nos grandiosos sistemas filosóficos, seja para as declaradamente feministas dedicadas a enfrentá-los, a questão de como nos devemos posicionar diante da autoridade de eminentes pensadores se impõe em face do inequívoco uso do legado da tradição para legitimar e perpetuar a dominação de mulheres. Diante deste estado de coisas, minha pesquisa apresenta uma descrição de dois caminhos trilhados nas últimas décadas para lidar com os problemas intrínsecos às interpretações filosóficas do que seja o “feminino”. O primeiro caminho examinado é constituído pelo questionamento da real dimensão da hegemonia dos homens no desenvolvimento da filosofia mediante o resgate e divulgação da história da participação feminina nas atividades do espírito. Os esforços para reabilitar as contribuições das pensadoras que foram invisibilizadas pela tradição pretendem diluir ou relativizar o conteúdo de teses perniciosas sobre mulheres a fim de promover a igualdade. A segunda via, valendo-se dos préstimos de filósofos pós-modernos como Derrida, consiste na elaboração de estratégias para um pensamento feminista inteiramente independente. Esta posição é fundada, em última instância, na tese de que a própria linguagem da filosofia abriga um compromisso oculto com a supremacia masculina, inviabilizando, portanto, qualquer ensejo de reconciliação entre a filosofia tradicional e as filosofias feministas. A partir da exposição dos contrastes entre as duas atitudes perante a relação entre a tradição filosófica e as mulheres, meu trabalho discute as ambivalências da concepção gadameriana de tradição e explora, com o suporte da coletânea “Feminist Interpretations of Gadamer”, as possibilidades de uma hermenêutica filosófica pró-feminista.

Palavras-chave: Hermenêutica; feminismo; tradição

⁷ Professora adjunta do departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

PROBLEMATIZANDO A PRESENÇA DA MULHER NA FILOSOFIA A PARTIR DE ALGUNS INDICADORES

*PROF. DR. CHRISTIAN LINDBERG L. DO NASCIMENTO*⁸

A presença da mulher na Filosofia, notadamente no corpo docente dos cursos de graduação e pós-graduação, é ínfima. Situação um pouco semelhante acontece no corpo discente, especialmente na graduação. Esta situação tem estimulado diversos pesquisadores e pesquisadoras a investigar, do ponto de vista quantitativo, a presença da mulher na Filosofia. Talvez o estudo mais relevante que existe atualmente intitula-se *Mulheres na Pós-graduação em Filosofia no Brasil*, que teve a pretensão de, como já informa o título, mapear a presença da mulher na pós-graduação em Filosofia brasileira. Por outro lado, foi criado o GT Filosofia e Gênero no âmbito da ANPOF que tem promovido encontros nacionais, estimulado a produção de textos e o debate na comunidade filosófica nacional. Assim, o objetivo deste trabalho é destacar alguns dados que possam subsidiar as discussões em torno da presença da mulher na Filosofia brasileira. A análise de conteúdo, com base em material bibliográfico específico, foi o procedimento metodológico adotando, cruzando as informações qualitativas com os dados empíricos coletados.

Palavras-chave: Educação, ensino de Filosofia, Mulheres.

⁸ Possui graduação em Filosofia e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutor em Educação, com ênfase em Filosofia e História da Educação, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Realizou estágio de pós-doutoramento em Educação na UNICAMP. Atualmente é professor do Departamento de Filosofia da UFS, colaborador do Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e do Programa de Pós-graduação em Filosofia (UFS). Integra o BASis, banco de avaliadores do SINAES/INEP. Coordena o programa Residência Pedagógica do curso de Filosofia (UFS). É membro do GT Filosofar e ensinar a filosofar da ANPOF e do Grupo de Ética e Filosofia Política (UFS). É membro do Conselho Fiscal da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação (SOFIE) e sócio da Associação Latinoamericana de Filosofia da Educação (ALFE). Desenvolve pesquisas nas áreas de: Ensino da Filosofia, Filosofia da Educação e Ética e Filosofia Política.

DA NECESSIDADE DE E LER MADAME DU CHÂTELET HOJE: DISCURSO SOBRE A FELICIDADE

PROF.^a DRA. CHRISTINE ARNDT DE SANTANA⁹

Elisabeth Badinter e Robert Mauzi – aquela, estudiosa de Madame du Châtelet; este, da ideia de felicidade no século XVIII – conseguem traduzir de maneira bastante objetiva o lugar de destaque que a Madame Filósofa possui: dos aproximadamente cinquenta tratados sobre a felicidade escritos durante o período da Ilustração, cuja maioria obteve um resultado deplorável e patético, por estarem recheados de lugares comuns de inspiração epicurista ou estoicista, de vestígios vergonhosos de pensamentos metafísicos e morais cristãs, slogans burgueses, com ausência de sinceridade, nada de novo, nada que sugerisse calor e alma (importantes ingredientes para que fosse possível contestar a ordem social das coisas e condições); que traziam em suas linhas e entrelinhas a mesma pregação cautelosa, solicitando que não fosse comprometida a ordem social, considerada sagrada; em meio a estes tratados, fora possível descobrir o quanto o conformismo estava prestes a amortecer uma revolução intelectual, segundo Mauzi. Somente um destes tratados conseguiu emocionar, porque continha autorrevelação e permitia adivinhar o sofrimento controlado e convertido; porque distinguia as condições da felicidade em geral da felicidade feminina, numa demonstração de lucidez feminista que revelou uma mulher extraordinária que guarda semelhanças com as mulheres de hoje, de acordo com Badinter: o Discurso sobre a felicidade de Madame du Châtelet. Pelas razões acima elencadas, considerando o destaque dado ao texto de Madame du Châtelet, esta conferência pretende apontar as ideias diretrizes que guiaram o raciocínio e a escrita da autora no Discurso sobre a felicidade, assim como tentar estabelecer uma relação de necessidade entre a felicidade e o amor ao estudo, visto ser este o amor que menos coloca a felicidade individual na dependência dos outros.

Palavras-chave: Madame du Châtelet. Felicidade. Necessidade.

⁹ Graduada em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora Adjunta do Departamento de Teatro (DTE) e vice-coordenadora do Programa Interdisciplinar em Culturas Populares (PPGCULT) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Associada à Société Internationale d'Étude du Dix-huitième Siècle – SIEDS e membro da Associação Brasileira de Estudos do Século XVIII – ABES XVIII. Professora pesquisadora do Grupo de Pesquisa Humanismo/UFRRJ e do Grupo de Estudos de Filosofia e Literatura – GeFeLit/UFS.

PENSAR O FEMINISMO SEGUNDO MARCIA TIBURI: REFLEXÕES SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA NA CONTEMPORANEIDADE

M.^a CINTHIA ALMEIDA LIMA¹⁰

Segundo Marcia Tiburi, o feminismo está amparado pelo “desejo por democracia radical”, voltado à luta contra os padrões patriarcais e à defesa dos “direitos de todas, todes e todos”, isto é, o feminismo fundamentalmente anseia pela igualdade entre todxs. Embora a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu artigo 5º, *caput*, considere que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza” e no inciso I do mesmo artigo, estabeleça que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”, atualmente, a condição feminina ainda precisa ser objeto de sérias reflexões, uma vez que as mulheres continuam sofrendo discriminações nos meios sociais, nas relações domésticas, e, principalmente, nos ambientes de trabalho. A partir dessas considerações, essa comunicação, alicerçada no pensamento de Marcia Tiburi, tem como escopos “pensar o feminismo” como uma busca de rompimento com as estruturas do patriarcado arraigado em nossa sociedade, ou nas palavras da citada autora, como “uma busca de desconstruir o patriarcado enraizado na cultura e nas instituições”, e apresentar reflexões sobre a condição feminina na contemporaneidade, em prol da busca pela igualdade de todxs.

Palavras-chave: Feminismo; Democracia radical; Condição feminina; Contemporaneidade, Igualdade.

¹⁰ Advogada, graduada em Direito pela Universidade Tiradentes, pós-graduada em Direito do Trabalho pela Universidade Tiradentes, pós-graduada em Direito Penal e Processo Penal pela Faculdade Estácio de Sergipe, mestra em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe.

A PRESENÇA FEMININA ENTRE PROFESSORXS DE FILOSOFIA DO INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS

*ELLEN MAIANNE SANTOS MELO RAMALHO*¹¹

Este trabalho tem o intuito de responder à seguinte questão: qual o espaço ocupado pelas mulheres enquanto professoras da disciplina de Filosofia no âmbito do Instituto Federal de Alagoas? Os objetivos visados nesta pesquisa são: identificar o quantitativo de mulheres que atuam como professoras de Filosofia no IFAL; realizar um levantamento sobre o número de mulheres que concorrem a uma vaga de professora de Filosofia no IFAL, comparando com o número de concorrentes do sexo masculino e apresentar considerações de autorxs sobre a temática da presença feminina na filosofia e na ciência. Como metodologia, utilizamos a pesquisa bibliográfica, tendo como principais fontes artigos da filósofa Marcia Tiburi (tais como: “As mulheres e a filosofia como ciência do esquecimento” e “Há um sentido no feminismo filosófico?”) e o livro “Quem tem medo do feminismo negro?”, de Djamila Ribeiro. Também utilizamos a pesquisa documental, investigando, nos documentos institucionais, as informações sobre os concursos realizados na última década. Foi necessário também recorrer à ouvidoria do IFAL, a fim de obter informações não encontradas nos meios de divulgação do órgão institucional responsável pela realização dos concursos públicos para provimentos de cargos de professorxs (COPEMA). Chegamos à conclusão de que as mulheres ocupam apenas 14,2% dos cargos de professorxs de Filosofia do IFAL. A baixa presença das mulheres na Filosofia também é refletida na baixa quantidade de mulheres que concorrem a um cargo de professora de Filosofia nos concursos públicos para professorxs efetivos do IFAL. Fazendo uma média aritmética, considerando a quantidade de pessoas inscritas em todos os concursos, apenas 26,6% dxs candidatxs são do sexo feminino. Desta forma, evidencia-se a ínfima presença feminina no espaço acadêmico da Filosofia, tornando necessário o estudo sobre esta temática.

Palavras-chave: Mulher; Professorxs; Filosofia.

¹¹ Professora de Filosofia do IFAL, Campus Arapiraca. Doutoranda e Mestra em Educação pela UFAL. Bolsista produtividade do IFAL em 2017. <<http://lattes.cnpq.br/9486759216441150>>

**PRÁTICAS DISCURSIVAS DE PAUTAS FEMINISTAS: COMPARAÇÕES
COM BASE NA INTERSECCIONALIDADE E NA DICOTOMIA DE ESFERA
PÚBLICA E PRIVADA ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS**

PROF.^a DRA. FLÁVIA ÁVILA¹²

Esse trabalho procura demonstrar, em breves palavras, o objeto de projeto de estudos pós doutorais a ser realizado entre 2019 e 2020 com a supervisão de Margaret Griesse. Como propõe Griesse (2017), a realidade vivenciada por mulheres em diferentes meios se traduz em pautas feministas responsáveis pelo avanço dos Direitos Humanos que se propagam em diferentes formas de interação social e reivindicação de direitos. Ao se comparar discursivamente como estão sendo trabalhadas as pautas feministas de mobilizações sociais entre Brasil e Estados Unidos, com base no aporte metodológico da análise discursiva de Fraser (1989) e da rede político-comunicativa de Alvares (2014), e com utilização de instrumentos de aferição, será possível verificar: as diferenças e semelhanças que apresentam, bem como os avanços ocasionados nos Direitos Humanos em razão das críticas levantadas pelas teorias feministas compiladas por Edwards (2011) das múltiplas faces interseccionais propostas por Crenshaw (1998) e Collins e Bilge (2016), e de novas abordagens das esferas pública e privada identificadas por Griesse (2017) no que diz respeito a estas pautas. Tendo como base o estudo de Edwards (2011), enunciam-se quatro principais críticas aos Direitos Humanos, quais sejam: a) Ausência das mulheres e de suas vozes; b) Direitos Humanos como direitos masculinos; c) Dicotomia entre a esfera pública e a privada; e d) Estereótipo feminino. O problema de pesquisa pode ser assim sumarizado: no âmbito de ampliação e desenvolvimento dos Direitos Humanos, o discurso empreendido pelas mobilizações sociais sobre direito das mulheres, em razão da interseccionalidade e novas abordagens sobre dicotomia entre esfera pública e privada, são responsáveis pelo avanço dos direitos humanos no entendimento do que é humano e de sua proteção? A resposta ao mesmo implicará, após o levantamento quantitativo da formação e utilização dos discursos, na criação de um instrumento a ser aplicado perante representantes e integrantes dessas mobilizações nos dois países. A partir daí também será feita uma comparação entre os resultados obtidos entre os dois países, para fins de levantamento quantitativo de dados e produção de análises concernentes. Assim, constata-se a relevância da pesquisa nos novos enfoques sobre Direitos Humanos que abordagens feministas podem proporcionar, ampliando seu escopo.

Palavras-chave: Interseccionalidade, Dicotomia entre Esferas Pública e Privada, Pautas Feministas, Brasil, EUA

¹² Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, especialista em Direito e Processo do Trabalho pelo Instituto Brasileiro de Estudos Jurídicos, especialista em Direito e Negócios Internacionais pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Direito e Relações Internacionais também pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutora em Direito Público pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atualmente é professora do Departamento de Relações Internacionais (DRI) da Universidade Federal de Sergipe e do Programa de Pós-Graduação em Direito (PRODIR) da mesma instituição. É membro da diretoria do ramo brasileiro da International Law Association (ILA). Tem experiência na área de Direito e Relações Internacionais, com ênfase em Direito Internacional e Direito do Trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: direito internacional público, direito internacional privado, direitos humanos, direito do trabalho, direito da integração, trabalhador estrangeiro e relações internacionais.

MAQUIAVEL: FORTUNA, CONTINGÊNCIA E LIBERDADE

PROF.^a DRA. FLÁVIA BENEVENUTO¹³

Nos textos de Maquiavel, as circunstâncias se apresentam como definitivas quando se pretende executar qualquer tipo ação humana, especialmente aquelas que dizem respeito à conquista e à manutenção do poder. Admitindo-se que quanto maior a força da fortuna menor a liberdade para efetivar ações capazes de conduzir o ator político ao êxito no mundo da contingência, torna-se imprescindível saber até que ponto ela exerce poder sobre as ações dos homens. Mas será possível precisá-lo? Partimos do contexto histórico em que as obras de Maquiavel foram escritas para compreender a relação que o autor estabelece com a tradição, ora assumindo-a, ora a ela se opondo. Recuperamos os textos de Maquiavel e estabelecemos, então, diálogo com alguns comentadores da obra do autor para investigar a questão da fortuna propriamente dita.

Palavras-chave: Maquiavel, fortuna, circunstâncias, liberdade

¹³ Possui Bacharelado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000), Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (2003). Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2011), com estágio de doutoramento pela École de Hautes Études en Sciences Sociales (2008-2009). Pós-doutorado pelo Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo – USP (2012-2013). Tem experiência na área de Filosofia Política, com ênfase em Ética e Filosofia Política do Renascimento, atuando principalmente nos seguintes temas: Maquiavel, Formas de Governo, Liberdade, República Romana.

A AUTONOMIA DA MULHER SOBRE O CORPO: O ABORTO COMO DIREITO DE ESCOLHA

*GABRIELLY LESSA*¹⁴

Judith Jarvis Thomson, filósofa americana, tem como principal objetivo do seu artigo “Uma defesa do aborto” apresentar o dilema moral que agride fundamentalmente a liberdade de escolha das mulheres. Compreendemos que a liberdade destas sobre o próprio corpo é nitidamente limitada frente a uma autoridade social forjada, que, por sua vez, exibe um posicionamento tendencioso, arbitrário e ultrapassado frente à perspectiva “libertária” e autônoma, que tenta apresentar o aborto não somente como uma questão de saúde pública (quando o feto pode prejudicar a mãe) mas também como a consolidação de um direito à liberdade. Nesse contexto, a mulher é subjugada e, conseqüentemente, obrigada a permanecer numa posição insuscetível de escolha. Dessa forma, Thomson visa a esclarecer a ligação entre o direito à vida (argumento que, por sua vez, é utilizando como contraponto ao aborto) e a autonomia que a mulher deve poder exercer sobre seu corpo. Com efeito, à luz da filósofa, pretendo apresentar as concepções positivas e negativas sobre o aborto, tais como: por um lado, a inadmissibilidade de interromper uma gestação em detrimento da vida da mulher, a aprovação do aborto em casos de estupro e, por outro lado, sua condenação quando é cogitado não por ameaça, mas por escolha; assim como o impedimento de liberdade da mulher sobre seu corpo em vista de um padrão moral hegemônico.

Palavras-chave: Aborto; Corpo; Liberdade; Moral; Mulher.

¹⁴ Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas. Orientadora: Profa. Dra. Juliele Sievers

DESAFIOS DE PESQUISA PARA AS FILÓSOFAS DO SÉCULO XXI COM BASE NO ARQUEOFEMINISMO

*DRA. ISABEL CRISTINA MICHELAN DE AZEVEDO*¹⁵

Estudos realizados em algumas partes do mundo – como França, Inglaterra, Portugal, Brasil, entre outros – têm possibilitado observar como textos alinhados ao que arqueofeminismo, segundo Rovere (2019), colaboram com as reflexões contemporâneas que visam incluir o olhar das mulheres na análise das ideias que circulam na Filosofia e em outras áreas. Nesse sentido, nesta análise pretendo discutir, seguindo as pistas do processo de exumação de textos produzidos por mulheres no passado, como a “a polêmica das mulheres”, que agitou a Europa entre os séculos XII e XVI, pode nos orientar a identificar temas contingentes para pesquisas na sociedade do século XXI.

Palavras-chave: Pesquisa; desafio; arqueofeminismo.

¹⁵ PROFLETRAS/PPGL/DLEV UFS

“MULHERES, RAÇA E CLASSE”: INTERSECCIONALIDADE E EMANCIPAÇÃO NO MOVIMENTO FEMINISTA

*ISABELA ANDRADE CORINGA FONSECA*¹⁶

Angela Davis, filósofa e ativista estadunidense, oferece subsídios para a compreensão de nossa intrincada realidade, a partir de angulações pouco convencionais em “Mulheres, raça e classe”. Para chegar ao conceito de interseccionalidade, central em sua obra, Davis faz uma amarração histórica desde a condição das mulheres negras no período da escravidão nos EUA até o movimento antiescravagista e o papel que as mulheres brancas assumiram durante e depois dele, levando-nos ao ponto comum existente na opressão das mulheres e na sua consequente exclusão da esfera política. Com a indissociabilidade entre lutas de libertação expostas pela perspectiva da filósofa, a exploração econômica - cada vez mais crescente pelo sistema capitalista - também é uma chave de luta que se soma às duas anteriores: a questão do gênero e da raça. Pretendemos, então, a partir desse aporte teórico contemporâneo, tematizar sobre a interseccionalidade de lutas (raça, classe e gênero), e sobre o significado da emancipação para as mulheres negras, a partir da perspectiva de Davis(2016). Essas temáticas também nos levam à leitura que a filósofa Nancy Fraser(2006) faz sobre a interligação de problemáticas políticas atualmente dissociadas: as lutas por redistribuição e reconhecimento, relacionando estas ao conceito de interseccionalidade anteriormente trazido.

Palavras-chave: Mulheres, raça e classe; interseccionalidade; emancipação.

¹⁶ Discente do curso de filosofia(UFS) e graduada em Direito(Unit).

NÍSIA FLORESTA E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUA PRÁTICA TRADUTÓRIA.

M.^a JULIANA CECCI SILVA¹⁷

A ideia dessa comunicação surgiu da simples observação da História da Filosofia no Brasil: são pouquíssimas as mulheres que, ainda hoje, vêm à mente quando pensamos em filósofas; e, quanto mais recuamos no tempo, mais difícil fica para nos lembrarmos de uma. Diante desse fato, optamos por voltarmos no tempo... por nos remetermos àquela que, além de ser considerada a primeira filósofa no Brasil, tendo tratado de maneira progressista, em seus textos, dos mais variados temas – como a escravidão, os índios, os movimentos sociais etc. –, é também reconhecida como a precursora do movimento feminista no Brasil; *status* conquistado não só pelo teor de alguns dos textos de sua autoria, mas também pelas mais diversas atuações ao longo da sua vida, dentre elas no campo da educação e no campo da tradução, o qual nos interessa especialmente por conta das reflexões que desenvolvemos em nossa atuação como linguista e tradutora. A nosso ver, o simples fato de Nísia Floresta (1810-1885) ter optado pela tradução de *Vindications of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft, em seu *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, já é por si só um ato de empoderamento intelectual feminino muito avançado, se analisadas as diversas circunstâncias desfavoráveis à emancipação feminina da época. Assim, fundamentando-nos nos desenvolvimentos recentes dos Estudos da Tradução e da Filosofia da Linguagem (Berman, Derrida, Benjamin etc.), cujas perspectivas consideram tais circunstâncias como elementos produtores de sentidos, pretendemos analisar essa tradução não só como produto de uma leitura do original, mas também como expressão de um diálogo entre autora e tradutora.

Palavras-chave: História da Filosofia Brasileira; Nísia Floresta; Feminismo; Tradução.

¹⁷ Tradutora e professora, é bacharel em Letras (Português/Francês) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), mestre em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (UnB) e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (PPGL/IEL/Unicamp).

IDENTIDADE PESSOAL EM MARYA SCHECHTMAN E O VIÉS FEMININO*LETÍCIA FERRUZZI SACCHETIN*¹⁸

O tema da Identidade Pessoal no campo da Ética tem repercutido em assuntos como: interrupção da gravidez, eutanásia e melhoramento genético. Contudo, a forma com que muitos autores desenvolvem esse tema é biologicista ou mentalista, e acaba por ignorar aspectos sociais, econômicos e emocionais tão fundamentais para nossa pessoalidade. Motivada por esse incômodo filosófico, busquei trabalhar a ideia de Identidade Pessoal na obra *Staying Alive* de Marya Schechtman, apontando diferenças entre sua teoria da Abordagem da Vida Pessoal (*Person Life View*) e as outras teorias, em especial a teoria reducionista de Derek Parfit, que é uma teoria da continuidade psicológica. Ser pessoa para Parfit, portanto, é algo muito limitado. O que a filósofa estadunidense propõe é que ser pessoa consiste em viver a vida de uma pessoa. Apesar de ser uma resposta circular, é uma abordagem que apresenta a pessoa como unidade de muitos aspectos e inserida num contexto de relações. Ser pessoa é possuir capacidades e atributos, estar numa infraestrutura social, ser sujeito de atividades e interações. O que é importante é esse *cluster* (grupo) de características que compõe a pessoa, sendo que algumas características podem não fazer parte de uma determinada pessoa, pois características podem ser desenvolvidas ou perdidas. Nosso objetivo é avaliar até que ponto a perspectiva de Schechtman, que não se propõe a ser uma um pensamento feminista, incorpora uma perspectiva que podemos chamar de feminina.

Palavras-chaves: Identidade Pessoal, Marya Schechtman, Perspectiva Feminina.

¹⁸ Mestranda na área de Bioética pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Texto apresentado como trabalho final da disciplina de Tópicos Especiais em Ética de Pós-Graduação em Filosofia - UFMG, sob a orientação da Profa. Telma Birchal. Email: leticia@sacchetin.com.br

O CONCEITO DE VITA ACTIVA E O TOTALITARISMO EM HANNAH ARENDT

LILLYA RHANNA SILVA PEREIRA¹⁹

A presente artigo trata-se de um estudo sobre o: **O Conceito de Vita Activa e o Totalitarismo em Hannah Arendt**. A pesquisa foi aplicada no intuito de explicar o conceito *Vita Activa* e o *Totalitarismo* em *Hannah Arendt* e *Edson Telles*, a partir de análises das obras: *A Condição Humana* (2017) e *Origens do Totalitarismo* (2012) de *Hannah Arendt*, e *Ação Política em Hannah Arendt* (2013) de *Edson Teles*. Essa pesquisa tem como objetivo geral de demonstrar a tradição histórica do conceito *Vita Activa*, suas respectivas atividades (Labor; Fabricação; Ação Política) e seus domínios (Domínio privado; Domínio Público; Domínio Político) a partir da leitura e análise da obra *A Condição Humana* de *Hannah Arendt*, e possui como objetivo específico determinar de qual maneira o Totalitarismo configura-se como uma ruptura e/ou destruição do conceito *Vita Activa* e das condições humanas (Sobrevivência; Mundanidade; Pluralidade) que fundamentam as suas atividades correspondentes, com base na obra *Origens do Totalitarismo* de *Hannah Arendt*. De acordo com o estudo bibliográfico desenvolvido, é possível estabelecer que o totalitarismo é como uma ruptura do conceito *Vita Activa* e da condição humana, no intuito de manter o indivíduo isolado e assim torná-lo atomizado e desumanizado. Dado que, cada atividade e condição humana correspondente à atividade, interagem entre si e complementam uma às outras, e o totalitarismo como sistema de terror rompe toda essa relação, subvertendo suas efetivas localizações (seja de: Domínio privado; Domínio Público; Domínio Político) e impossibilita a ação política.

Palavras-Chave: Vita Activa, Totalitarismo, Condição Humana, Pluralidade.

¹⁹ Graduanda em Filosofia UFAL

A DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER E DA CIDADÃ DE OLYMPE DE GOUGES

M.^a MARCELA PRADO MENDONÇA²⁰

MARCELO DE SANT'ANNA ALVES PRIMO²¹

Os estudos sobre gênero e sobre a nova história da Revolução Francesa contribuíram para dar a Marie Gouze um estatuto de grande republicana e feminista *avant la lettre*, mesmo não se prestando muita atenção a certa especificidade de seu discurso em relação ao contexto dos discursos revolucionários. Mais conhecida como Olympe de Gouges, redigiu a sua *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã* em 1791. Afrontando conservadores jacobinos como Robespierre e sendo vista como desnaturada, libertina e inimiga pública da França revolucionária, ela escreveu esse texto, há mais de 200 anos, como uma conclamação a que todas as mulheres revissem as suas condições morais, políticas e sociais, e quais as suas responsabilidades por mudanças radicais nessas condições. Nesse sentido, se a violência em todos os níveis contra a mulher está ainda diante de nossos olhos, a atualidade da *Declaração* salta à vista, pois o discurso político, no feminino de Olympe, traduz a luta engajada e incessante pelos direitos da mulher na contemporaneidade.

Palavras-chave: Olympe de Gouges; revolução; mulher; direitos; política.

²⁰ Mestra em Comunicação PPGCOM/UFS. Pesquisadora no grupo Filosofia e Natureza-UFS e pesquisadora do Laboratório de Comunicação e Estudos Ambientais (LICA/UFS). Doutoranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente- PRODEMA/UFS.

²¹ Professor de Filosofia do Colégio de Aplicação e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

A CRÍTICA DE ANNE CONWAY AO DUALISMO CARTESIANO

PROF. DR. MARCOS BALIEIRO²²

Em seu *The Principles of the Most Ancient and Modern Philosophy*, Anne Conway empreende críticas bastante contundentes ao dualismo de matriz cartesiana. Este, de acordo com a autora, teria falhado em explicar de que maneira é possível que o espírito seja afetado pelas dores corpóreas, já que mente e espírito seriam, para filósofos como Descartes, substâncias radicalmente distintas. Além disso, seria impossível explicar, a partir de um registro dualista, como Deus, sendo uma substância completamente espiritual, poderia ter criado a matéria.

Segundo Conway, essas inconsistências do dualismo cartesiano o tornariam, em última instância, perigoso para a religião e, portanto, para a moralidade, podendo conduzir à tentação de explicar o mundo em termos meramente mecânicos e, no limite, materialistas. Como alternativa, a autora propõe uma filosofia vitalista em que a matéria é concebida como sendo dotada de sensibilidade, conhecimento e capacidade para se aprimorar. Trata-se de apresentar, aí, de maneira fortemente influenciada pela cabala luriana, uma teodiceia segundo a qual a matéria poderia se aperfeiçoar ao longo dos tempos de maneira a se tornar homens, que teriam a capacidade para se tornar anjos. Nesse quadro, o homem teria em seu poder a capacidade para empreender sua própria salvação. É precisamente dessas considerações e de suas implicações morais que trataremos em nossa comunicação.

Palavras-chave: Anne Conway. Vitalismo. Dualismo.

²² Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

CINEMA E PENSAMENTO EM VIRGINIA WOOLF

MARIA CÂNDIDA NERES BATISTA²³

Em 1926, um ano antes do lançamento do primeiro filme falado do cinema mundial, Virginia Woolf escreveu um ensaio premonitório sobre uma arte que ainda começava, cambaleante, a dar os seus primeiros passos. Neste ensaio intitulado *O Cinema*, podemos dizer que Woolf reivindica o lugar de fala da sétima arte, defendendo com veemência a necessidade da afirmação dos elementos que garantem a alteridade do cinema perante as demais representações artísticas, como a literatura. Mesmo que as produções cinematográficas ainda se encontrassem em sua fase mais elementar e originária, Woolf conseguiu perceber um dilema e preocupou-se em questionar: qual é o potencial do cinema? O que ele possui que é só seu? Existe alguma característica intrínseca ao pensamento que pode ser exprimida sem a ajuda de palavras? O ensaio de Woolf reivindica para o cinema a sua capacidade de produzir pensamento de modo singular, em virtude de seus dispositivos e de seu elemento vital: as imagens. Podemos compreender, partindo da leitura dos livros *Cinema I- A Imagem-Movimento* e *Cinema II- A Imagem-Tempo*, do filósofo francês Gilles Deleuze, que pensar por imagens é extrair do concreto algo que é inexprimível por palavras, é lidar com a fluidez de uma forma de pensamento singular menos abstrata do que o conceito filosófico, porém não menos potente do que ele. Os cineastas pensam não por conceitos, como os filósofos, ou por versos, como os poetas, mas por imagens. Desse modo, nosso objetivo neste trabalho é analisar, partindo dos escritos de Virginia Woolf, a relação entre cinema e pensamento, buscando compreender em que medida as imagens podem e devem ser construídas de modo autônomo, emancipadas da necessidade de recorrer a elementos e narrativas provenientes de outras artes, como a literatura, para a construção de suas ideias.

Palavras-chave: Cinema; Pensamento; Filosofia; Arte.

²³ Professora de filosofia da rede estadual da Bahia. Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB (2018). Atuou como bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica pela FAPESB junto ao projeto de pesquisa Estética, Cinema e Temporalidade (2016). Também foi bolsista de iniciação científica pela FAPESB junto ao projeto de pesquisa *Um estudo acerca das práticas disciplinares e biopolíticas no pensamento de Michel Foucault* (2015). Desenvolve pesquisas sobre Estética, Filosofia da Arte e Política, com ênfase em investigações sobre filosofia do cinema. Tem interesse nas áreas de Estética, Filosofia da Arte, Epistemologia e Política.

COMO LER FILMES HOJE? O UNIVERSO CINEMATOGRAFICO MARVEL (OS VINGADORES): CIRCULAÇÃO E REATUALIZAÇÃO DOS DISCURSOS

PROF.^a DRA. MARIA EMÍLIA DE RODAT DE AGUIAR BARRETO BARROS²⁴

A análise do discurso midiático, ancorada na *Arquegenealogia* foucaultiana, constitui um dos focos de nossas pesquisas. A apresentação ora proposta, com resultados parciais de estágio pós-doutoral (PPGEdu/UFPE, 2019), analisa discursivamente “Os Vingadores: The Avengers (2012)”, com base no estudo da Mídia Cinematográfica, enquanto *dispositivo de poder* (DELEUZE, 1996); da *Arquegenealogia* (FOUCAULT, 1997a, 1997b, 2010, 2011, 2012; GREGOLIN, 2016); do mito (BARTHES, 2007). Observamos as relações de poder/saber, poder/verdade, poder/subjetivação, por meio das quais é construída uma “história do presente”, como um *acontecimento* que tensiona a memória e o esquecimento. Ainda no que concerne à análise, examinamos seis *sequências enunciativas*, levando em conta que o *enunciado* se inscreve *no campo da memória*, sob a *forma de qualquer registro* (FOUCAULT, 1997). Tentamos igualmente responder às seguintes perguntas norteadoras da análise: quais discursos atravessam os personagens/enunciadores na trama? Qual o papel dos discursos circulados no UCM para a criação do imaginário dos sujeitos, em sua relação consigo, com os outros? Qual a relação entre a mídia cinematográfica e a ‘história do presente’? Constatamos, então, a ampla circulação de discursos políticos, religiosos, pedagógicos; a *reatualização* dos super-heróis, dos mitos, o empoderamento da mulher, na medida em que há uma ação “contra” a violência, a morte, objetivando-se alcançar a paz; discursos circulados na ordem do dia. Além disso, há uma grande divulgação não só do poder dos Estados Unidos, enquanto nação responsável pela paz *universal*, mas também do modo de vida estadunidense, inspirando os espectadores do mundo a pensarem nesse modo como um modelo, com o conseqüente processo de homogeneização da história do presente, em relação a múltiplos povos e culturas. A partir das referidas análises, lançamos um olhar sobre ‘como ler filmes hoje’ (FOUCAULT, [1978] 2012), no intuito de tal perspectiva chegar às escolas.

Palavras-chave: Arquegenealogia; Discurso; Leitura; Cinema, Vingadores

²⁴ Doutora (2009) e mestra (2001) em Letras, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa (1992), pela Pontifícia Católica de Minas Gerais (PUC / MG); graduada em Letras (1981), pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente, é professora associada (nível 2) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), atuando na graduação e pós-graduação (DLEV / PPGL / PPGCOM). Tem experiência na área de Linguística Teórica, com ênfase em Análise do Discurso, de linha francesa; na Análise Arquegenealógica do Discurso; na área da Linguística Aplicada. Pesquisa temas, tais como: ensino de Língua Portuguesa (LP), argumentação, texto, mídia cinematográfica, política, discurso, sentido, relações de poder/saber, poder/verdade, poder/subjetividade. Desenvolve pesquisas acerca do ensino de LP; acerca da mídia. Além da experiência com o ensino universitário, atuou como professora de Língua Portuguesa, nas redes de ensino público (Recife - PE) e particular (Recife / PE; Aracaju / SE). No presente, encontra-se desenvolvendo o plano de estudos pós-doutorais intitulado “*Como ler filmes hoje? O Universo Cinematográfico Marvel (Os Vingadores): circulação e reatualização dos discursos*”.

A MULHER NA FILOSOFIA

PROF.ª DRA. MARIA LUIZA HEINE²⁵

De modo geral, mesmo entre estudantes ou amantes da Filosofia, não se consegue enxergar destaque de muitas mulheres que sobressaíam ou sobressaíram na prática e no estudo da Filosofia. Ao receber o convite para falar sobre “Filosofia e Ética”, objeto de estudo na minha prática filosófica como professora, “ou de alguma filósofa, ou do espaço da mulher na filosofia”, compreendi que se tratava da construção de algo novo, dentro da minha prática profissional de 40 anos de formada e mesmo do que venho trabalhando desde 2005, quando iniciei minha atividade com a disciplina Ética Profissional em cursos universitários. E pus-me a pensar sobre o assunto, a pesquisar e fazer leituras. Na pesquisa encontrei o livro *Filósofas – A presença das mulheres na filosofia*, coletânea organizada por Juliana Pacheco, professora de filosofia como eu, da rede privada, e formada pela PUC RS, publicado pela Editora Fi. A autora começa o livro na Grécia pré-socrática com um artigo de Odi Alexander Rocha da Silva, Safo de Lesbos: a experiência filosófica na poesia, e termina com um artigo sobre Judith Butler, passando por 19 artigos escritos sobre mulheres que se destacaram na filosofia ao longo da história da humanidade. Decidi então que iniciaria minha fala abordando a questão da mulher na filosofia, e terminaria falando sobre uma filósofa que tenho grande apreço e utilizo na minha prática, Hanna Arendt, que aborda questões éticas do nosso tempo. Arendt apresenta sua visão ética em dois momentos: inicialmente nas obras escritas à época de *a Condição Humana* (1958); posteriormente modifica sua abordagem a partir da publicação do livro *Eichman em Jerusalém* (1963). Sua maior preocupação filosófica estava em compreender o seu tempo, salientando-se que a experiência vivida em seu pensamento constitui-se no alicerce a partir do qual se ergue seu constructo teórico.

Palavras-chave: Mulheres. Filosofia. Arendt. História da Filosofia

²⁵ Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB - 2013). Possui graduação em Filosofia (1981), Especialização em História Regional (1996) e Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2004). Atualmente é professora credenciada da Universidade do Estado da Bahia no Mestrado Profissional Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação (Gestec). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia e Ética, atuando principalmente nos seguintes temas: Filosofia, Ética e Meio Ambiente. É membro do Grupo de Pesquisa Educação, Universidade e Região (EDUREg), cadastrado no Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa/CNPq. Desde julho de 2015 está trabalhando na Universidade Tiradentes (UNIT), na cidade de Aracaju (SE), atuando nas disciplinas de Práticas de Extensão Universitária e Práticas de Pesquisa. Em maio de 2016 foi inscrita, como pesquisadora, no Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias da Informação e Ciberultura, da Universidade Tiradentes (Aracaju - SE). Desde fevereiro de 2016 tornou-se Professora Titular I da Universidade Tiradentes (UNIT) e foi contemplada, em 2017, com o prêmio de melhor projeto de extensão do ano anterior, outorgado pela Diretoria de Extensão desta universidade. Recentemente ingressou no Grupo de Pesquisa Educação, Tecnologias e Contemporaneidade (GPETEC) da Universidade Tiradentes.

NASTÁCIA FILÍPOVNA OU DO HEROÍSMO DA MULHER

PROF.^a DRA. MARIANA LINS COSTA²⁶

Para Dostoiévski, segundo suas próprias palavras, o belo é um ideal. Esta declaração deve ser entendida conceitualmente. Como de praxe entre os intelectuais russos da sua época, a estética hegeliana é referência central e, em especial, o seu conceito de ideal que designa a manifestação sensível do absoluto, quando o concreto e singular é capaz de expressar o abstrato e universal – o que, para Hegel, é o mesmo que dizer o belo da arte. Com uma tal declaração, Dostoiévski não está, como poderia parecer à primeira vista, tão somente exprimindo uma concepção que não é sua. Pois não apenas busca realizar a arte ideal através das suas obras e em alguns heróis especificamente – o herói é o ideal quando no plano do mundano e humano, segundo Hegel –, como nesta apropriação e transfiguração artística, acrescenta o que chama de beleza negativa e positiva ou ainda de ideal de Madona e de Sodoma. Dentre todos os seus personagens, a nosso ver, três se destacam nesta condição de ideal na medida em que são reconhecidos pelos demais personagens como a própria encarnação do belo, sendo Nastácia Filíppovna, personagem de *O idiota*, a única mulher e, portanto, a única heroína dostoiévskiana propriamente dita. Nesta comunicação, investigaremos, de maneira um tanto ensaística, o significado da beleza encarnado em Nastácia Filíppovna – uma beleza definida no romance como um enigma que não foi compreendido – e por que a sua condição de heroína ao invés de herói parece implicar que muito mais do que agente do sacrifício seja ela mesma o objeto sacrificial *par excellence* de modo que o seu grande feito é o encaminhar-se para o autoaniquilamento do qual, como nas tragédias do destino, não poderia mesmo escapar.

Palavras-chave: Nastácia Filíppovna; Dostoiévski; heroína; beleza; ideal.

²⁶ Pós-doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe.

MARY WOLLSTONECRAFT E A EDUCAÇÃO FEMININA DO SÉCULO

XVIII

MARIANA DIAS PINHEIRO SANTOS²⁷

No século XVIII a Europa estava contaminada com o que hoje considerariamos o mais vil e ferrenho machismo. A conduta ideal da mulher chegou a ser preconizada por homens, que as consideravam apenas sob o prisma de elementos como amor e afeição, como foi o caso de John Gregory. O autor escocês redigiu um tratado com o intuito de ensinar às suas filhas o comportamento adequado de uma mulher: esconder os sentimentos, fazer as mais belas medidas, ser servida aos seus esposos e boas mães para seus filhos. Em uma palavra, a educação feminina era, em alguma medida, apenas uma forma de cárcere, e este era um pensamento comum na Europa do século XVIII. É neste cenário que Mary Wollstonecraft se insere, e escreve a obra “Reivindicação Dos Direitos da Mulher”, que não poderia deixar de ter em sua composição uma crítica direta ao autor escocês. O nosso intuito é não apenas apresentar a crítica dirigida por Wollstonecraft diretamente a Gregory, mas evidenciar o contraponto estabelecido por ela, ao longo de toda a obra, aos ideais de educação defendidos em “O Legado de um pai para suas filhas”, com o objetivo de mostrar que o pensamento da autora, ainda que contemporâneo a uma época em que sobressaía a ideia da submissão feminina, promove o espaço da mulher com direito à fala, ao estudo e ao trabalho, não apenas educando-as para serem belos corpos que são boas mães e boas esposas.

Palavras-chaves: Mulher, comportamento, direito, educação.

²⁷ Graduanda do curso de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, membro do Grupo de Pesquisa de Ética e Filosofia Política (GEFP-UFS).

**FILOSOFIA E FEMINISMO: O GÊNERO NA OBRA *O SEGUNDO SEXO* DE
SIMONE DE BEAUVOIR**

M.^a MAYARA OLIVEIRA FEITOSA²⁸

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o pensamento de Simone de Beauvoir, filósofa francesa considerada uma das maiores teóricas do feminismo moderno, sobre o gênero, em *O Segundo Sexo*. A obra de Beauvoir revela uma fenomenologia da experiência e da condição das mulheres, em que se efetivam as interlocuções entre o Eu e o Outro, a corporeidade e a sexualidade, com vistas à desconstrução identitária de uma conjectura de sujeito feminino. Serão apresentados e discutidos alguns pensamentos de Beauvoir (2009), tais como a defesa de uma distinção entre sexo e gênero. O primeiro é tratado como um fator biológico, associado à constituição físico-química do corpo humano. O segundo, por sua vez, é uma construção da sociedade, ou seja, ser homem ou ser mulher não se trata de um dado natural, mas sim de algo performático e social. Dessa forma, observa-se que, ao longo da história, cada cultura construiu os padrões de atos e comportamentos de um determinado gênero, ou seja, este é considerado como algo não apenas biológico, mas cultural. Assim, pretende-se contribuir para o aumento dos estudos sobre a mulher na Filosofia.

Palavras-chave: Mulheres; Filosofia; Feminismo.

²⁸ Mestre em Letras – Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Sergipe. Graduada em Letras – Português-Espanhol - Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Lexicologia – GIPLEX - Universidade Federal de Sergipe

O FUTURO PÓS-HUMANO: CONSIDERAÇÕES EM JÜRGEN HABERMAS E DONNA HARAWAY

M.^a MERIELLE DO ESPÍRITO SANTO BRANDÃO²⁹

A palestra terá como objetivo inicial entender o conceito moderno de homem, a construção histórica deste conceito, o cenário de transformação dessa construção a partir do ideal de pós-humano da atualidade tecnocientífica e o papel da mulher e do feminismo nos conceitos como natureza/tecnologia – presentes na discussão filosófica de Jürgen Habermas e Donna Haraway. A problemática do humano e sua superação/transformação serão pensadas pelo viés filosófico sondando o arcabouço de teorias, debates e direções sobre a noção de homem; bem como suas metamorfoses nas estruturas conceituais que perpassam a discussão acerca da necessidade de superação do ideal humanístico-moderno rumo a pós-humanidade. Os mecanismos de efetivação do pós-humano a partir desta superação que reestrutura o conceito de homem de modo inimaginável e nunca antes vivido na história – um cenário inovador e efetivamente tecnocientífico. Enquanto em Habermas será feita uma análise do possível futuro da eugenia liberal, da engenharia genética, da antropotécnica e os possíveis danos irreversíveis à humanidade com a seleção humana confrontando a autocompreensão ética da espécie, sua autonomia, autenticidade e constituição natural humana. Em Donna Haraway, a partir de uma análise do seu livro “Manifesto Cyborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX” (1985), será pontuada sua crítica quanto à construção do ideal de homem e seu falimento em no cenário cyborgue (junção organismo/máquina, físico/não-físico), esvaindo-se limites até então muito bem definidos. Mediante o binômio homem/máquina a filósofa busca uma reavaliação das questões de gênero, tecnociência e gênero pelo viés do feminismo e uma crítica ao ideal e posição do homem neste cenário.

Palavras-chave: Pós-humano; Tecnociência; Contemporaneidade; Feminismo.

²⁹ Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL (2011), realizando trabalhos na área de Filosofia Moderna e Contemporânea com filósofos como Jean-François Lyotard. Mestra em Filosofia da História e Modernidade pela Universidade Federal de Sergipe - UFS (2015), realizando trabalho acerca do futuro pós-humano, ciência e tecnociência e suas implicações em autores como Jürgen Habermas e Peter Sloterdijk. Pós-graduada (Especialização) em Filosofia e Educação pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL/CEDU, realizando trabalhos em Filosofia e Educação com basilares teóricos como: Theodor Adorno. Atua como docente do quadro efetivo dos estados de AL e SE. Atua como docente de Filosofia, Ética e Tecnologia na Faculdade FAN-FGV(Maceió/AL). Atualmente produz trabalhos e estuda Filosofia Moderna e Contemporânea atuando principalmente nos temas: Filosofia da História/Modernidade/Humanismo/Pós-humano/Ciência/Tecnociência/Biotecnologias/Educação/Contemporaneidade. e-mail: meriellebrandao@gmail.com.br

A (DES)CONSTITUIÇÃO DOS LAÇOS DA VIDA: O NASCER MULHER NA TEORIA CRÍTICA DOS DIREITOS HUMANOS

PROF.^a DRA. MÍRIAM COUTINHO DE FARIA ALVES³⁰

As interfaces entre hermenêutica jurídica e estética literária servem de base para ressignificar o imaginário jusfilosófico da teoria crítica dos direitos humanos. Esse ensaio visa refletir sobre o direito fundamental de existir e o significado do nascer mulher como pertencente ao conceito de humanidade articulando a relação entre a existência feminina e a situação de negativas de direitos fundamentais da mulher. Nessa intenção, o texto transita entre autores como Giorgio Agambem, Hannah Arendt e o humanista espanhol Joaquim Herrera Flores inseridos num âmbito interdisciplinar que dialoga com a narrativa literária de Clarice Lispector fazendo releituras sobre o imaginário jusliterário clariceano numa interação entre discurso jurídico e a teoria jusfilosófica dos direitos humanos para compreender através da dimensão intersubjetiva formas de consciência humanística que contribuem para pensar o direito das mulheres na contemporaneidade.

Palavras chave: hermenêutica jurídica; direitos humanos; estética literária

³⁰ Professora Adjunta do Departamento de Direito da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pesquisadora Líder do Grupo de Pesquisa Direito, Arte e Literatura CNPq/UFS - Departamento de Direito (UFS) https://pt-br.facebook.com/dir_eitoarteliteraturaUFS/

VIRTUDE E LIBERDADE EM DAMARIS CUDWORTH MASHAM

ME. MYKAEL VIANA³¹

Damaris Cudworth Masham (1659-1708), citada por vezes em referências como Lady Masham, foi uma pensadora inglesa do século XVII, filha do proeminente platonista de Cambridge Ralph Cudworth e amiga íntima de John Locke. Correspondeu-se com autores como Gottfried Leibniz, Jean Le Clerc e Phillip van Limbroch sobre diversos temas filosóficos. A presente comunicação pretende mostrar que, mesmo cercada por grandes nomes do pensamento filosófico, Lady Masham possui estatuto intelectual próprio. Para tanto, traçaremos uma leitura de sua principal obra, *Pensamentos ocasionais em referência a uma vida virtuosa ou cristã* (1705), a partir de dois conceitos que lhe são caros: virtude e liberdade. Para Lady Masham, a verdadeira fé é o sustentáculo de uma vida virtuosa, e só pode ser atingida por meio da educação do intelecto. É o entendimento racional da Revelação aliado ao estudo das ciências que leva o indivíduo à vida virtuosa. Ao valorizar o exercício da razão em detrimento dos dogmas e da doutrina religiosa, nossa autora pretende argumentar que “mulheres também têm almas para serem salvas assim como os homens”, e por isso deveriam ter o direito a uma educação que lhes permitisse uma compreensão direta de sua fé e não apenas uma experiência intermediária através do catecismo. Ora, se é a razão a ferramenta essencial para a compreensão da fé, as mulheres, que primeiro educam as crianças, devem, elas mesmas, serem educadas. Evidencia-se uma teologia interessada na moral prática em detrimento do conteúdo doutrinário. Em conclusão, pretendemos mostrar que, segundo Lady Masham, a educação é o elo entre a liberdade e a virtude, o que resulta na verdadeira fé cristã.

Palavras-chave: Damaris Cudworth; Liberdade; Virtude; Teologia.

³¹ Mestre em Filosofia Política pela UFS e professor tutor da Universidade Tiradentes.

A INTERSEÇÃO ENTRE O FEMINISMO DE BUTLER E O CONCEITO DE DEVIR-MULHER

NÚBIA NEVES BERNARDES³²

O que se pretende apresentar é o encontro entre um conceito central da filosofia da diferença de Guatarri e Deleuze, a saber, o Devir, e a *genealogia feminista* da categoria das mulheres feita por Butler. Para tanto, articularei especificamente o capítulo 10 do volume 4 de *Mil Platôs* e o capítulo 1 do livro *Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade*. Em ambos os capítulos, pode-se observar um profícuo encontro de ideias que desdobram a crítica à política da identidade como possível estratégia do movimento feminista. Deleuze e Guatarri a fazem de modo mais sutil, apontando a posição privilegiada da mulher em relação ao devir-mulher, agenciamento primeiro de uma cadeia de segmentos que levam em direção a um devir-imperceptível. Este, por sua vez, é condição para fazer um mundo, recobrando o que aí está ou, antes, fazer mundos em devir, dimensões em intermináveis processos de mutação. A mulher enquanto identidade não é por eles negada, o que se pretende é apontar os perigos de exercer-se sobre tal sujeito, esvaziando o fluxo capaz de contaminar todo um campo social, perdendo a oportunidade de criar linhas de fuga que escapam dos modelos duais de pensamento. Por seu turno, Butler trata da armadilha representada pela fundamentação da política feminista sobre os conceitos estáveis e naturalizados de gênero e identidade, pois que tais termos foram engendrados pelas estruturas político-jurídicas dominantes. Para a filósofa, não se trata de eliminá-los do vocabulário feminista, mas de atentar para suas potências como obstáculo para a política representacional. Butler afirma: “Talvez, paradoxalmente, a ideia de ‘representação’ só venha realmente a fazer sentido para o feminismo quando o sujeito ‘mulheres’ não for presumido em parte alguma”.

Palavras-chave: devir-mulher; feminismo; identidade.

³² Discente do curso de Psicologia da UFS, é bolsista do projeto de extensão “I Encontro Internacional de mulheres de povos de comunidades tradicionais: Implantação do Observatório popular de gênero”

**O CONCEITO DE FEMINISMO NO PENSAMENTO FILOSÓFICO DE
JUDITH BUTLER**

PRISCILA GABRIELA ROCHA SILVA³³

A pesquisa parte do pressuposto de que o tema da igualdade entre homens e mulheres sempre demanda enfrentar o problema do significado do conceito de gênero. Este problema se deve ao fato de que a discussão pode apontar na direção de afirmar que o feminismo fracassou. Esta sensação, no entanto, não justifica que o problema do gênero não deva ser enfrentado. Nesse sentido, tratar do problema de gênero demanda refletir sobre a questão do poder. Trata-se de saber, na relação de gênero, como o poder estabelece quem é o sujeito e quem é o outro. Ao analisar a construção do conceito de gênero, Judith Butler desenvolve uma problematização do conceito de gênero no qual se encontra a teoria feminista. Não se trata, de uma questão fácil de enfrentar, porque a discussão sobre sexo e gênero demanda refletir sobre o sentido do conceito de mulher como sujeito do feminismo. Ante esse contexto, o presente trabalho visa refletir sobre a identidade que culturalmente se impõe à mulher como um ser que precisa ser defendido e que só pode alcançar a emancipação dentro do movimento feminista. No entender da referida filósofa, essa identidade da mulher não existe e, portanto, o próprio movimento feminista precisa ser repensado. Ou seja, se o movimento feminista problematiza a condição da mulher na sociedade, a autora julga fundamental que o sujeito do movimento feminista seja problematizado. Como resultado, espera-se mostrar que Butler não se posiciona contra o movimento feminista, mas julga fundamental que os fundamentos do feminismo sejam repensados. Dessa forma, o problema que precisa ser enfrentado na teoria feminista é o fato de que esta defende que a identidade da mulher é dada pelo gênero, não pelo sexo.

Palavras-chave: Feminismo. Gênero. Identidade.

³³ Graduanda em filosofia, bacharelado, pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Campina Grande, PB, Brasil. Email: priscila.rochaa@gmail.com

**O FEMINISMO MULTIESPÉCIE DE DONNA HARAWAY COMO
ALTERNATIVA DE ENFRENTAMENTO E RE-EXISTÊNCIA NO MUNDO
PÓS-HUMANO**

*PRISCILA LAIZ DE SOUSA RAMOS*³⁴

O feminismo multiespécie de Donna Haraway surge em meio às grandes transformações tecnológicas, sociais e ambientais como alternativa de enfrentamento às distensões subjetivas provocadas pelas velhas formas de análise do gênero no corpo político do século XX. Numa sociedade pós-humana, na qual não se sabe onde o humano, a máquina ou a natureza começam ou terminam, acreditamos que urge a necessidade de se pensar não somente o futuro por vir, mas, principalmente, maneiras de lidar com ele. Ao entender que a noção de identidade de gênero – tal como a de consciência maquínica, subjetividade humana e a evolução biológica da natureza – aponta vias de evolução, transformação e re-atualização das formas de ser e estar no mundo, cabe-nos refletir os limites de existência do gênero numa sociedade emergente fortemente marcada por conflitos ambientais, econômicos, políticos e sociais. Neste sentido, pensamos que possivelmente o conceito de ciborgue proposto pela autora em seu *Manifesto Ciborgue (1980)* nos auxiliará e se apresentará como alternativa de abordagem teórica, crítica e metodológica para lidar com os conflitos presentes no corpo político da sociedade pós-humana em vias de re-atualização.

Palavras-chave: Donna Haraway; gênero; pós-humano; ciborgue.

³⁴ Graduanda de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas. Atualmente faz parte do grupo de pesquisa Ética e Filosofia Política, coordenado pela Prof^a. Dra. Flávia Roberta Benevenuto de Souza, no Departamento de Filosofia da UFAL.

LÉLIA GONZALEZ: DA FILOSOFIA AO FEMINISMO NEGRO*ROMERO VENÂNCIO*³⁵*TERESA MARTINS*³⁶*MARIA BATISTA LIA*³⁷

Lélia Gonzales foi uma intelectual, professora universitária, ativista negra e feminista. Formada em filosofia, atuou na área por um bom tempo. Foi uma figura central na reformulação teórica e prática do movimento social negro contemporâneo. A nossa discussão tem por objetivo apresentar a "filosofia da práxis" na obra e na vida da autora. Trabalharemos com a perspectiva interdisciplinar da obra de Lélia Gonzalez que vai da filosofia à antropologia como preparação para a compreensão da vida das mulheres negras e da sua condição de invisibilidade na produção do conhecimento. A discussão está dividida em duas partes: na primeira, apresentaremos a formação filosófica e como Lélia descobre a filosofia como "filosofia da práxis". No segundo momento, destacaremos a construção conceitual de um feminismo negro brasileiro.

Palavras-chave: Lélia Gonzales; feminismo negro; movimento social; Brasil.

³⁵ Professor de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

³⁶ Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe.

³⁷ Professora de Educação do campus de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe.

UMA ÉTICA EM WALTER BENJAMIN

PROF.^a M.^a ROSÂNGELA SOUSA DE ALMEIDA³⁸

No presente trabalho iremos levantar algumas questões sobre ética, tema fundamental em Walter Benjamin, mas que não é especificamente tratado em nenhuma da sua vasta obra. A ética para Benjamin incide como o ponto de partida para o próprio ato de pensamento. Ela está presente nas entrelinhas de forma implícita, principalmente ao compreendermos que há no seu pensamento uma profunda responsabilidade perante a vida, em especial a vida humana. Ele tem uma preocupação com o “frágil corpo humano”, no que concerne a suas experiências, seu conhecimento, sua linguagem, sua estética e sua história. Ao escrever “uma nova teoria da história”, pretensão dos seus últimos textos, o que mais lhe preocupa foi o caminho traçado por esse homem ao instituir a modernidade, com todas as suas promessas de progresso que acabaria o levando a ruína. Constatação que o leva a pensar formas de salvar o homem do passado, do presente e do futuro, missão que o impulsionou a escrever nas mais precárias e desumanas condições, devido à perseguição Nazista, e que depois culminou na sua morte.

Palavras-chaves: Ética, Walter Benjamin, modernidade.

³⁸ Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre em Filosofia, com ênfase em Filosofia da História e Modernidade, pela mesma instituição. Atualmente é professora do ensino médio da Secretária de Educação de Sergipe (SEDUC).

O CONCEITO DE SUPERAÇÃO EM HEGEL: UM ESTUDO SOBRE A DOCTRINA DO SER NA CIÊNCIA DA LÓGICA E NA ENCICLOPÉDIA

ROSMANE GABRIELE VARJÃO ALVES DE
ALBUQUERQUE³⁹

A presente pesquisa tem por objetivo realizar uma investigação do propalado conceito de superação [*Aufhebung*] em Hegel. Este conceito aparece de modo especialmente relevante na parte final do momento da “qualidade” da Doutrina do Ser, nos livros que Hegel dedicou à Lógica. Hegel escreveu dois livros sobre Lógica, a *Ciência da Lógica* (1816), também cognominado “grande lógica”, e o primeiro volume da *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio* (1817), intitulado “A *Ciência da Lógica*”. Este último texto também é conhecido como “pequena lógica”. Na *Ciência da Lógica*, Hegel reserva uma pequena seção denominada “Observação” para tratar brevemente da expressão “superar” [*Aufheben*] exposta anteriormente na Doutrina do Ser. É neste contexto que Hegel mais reflete sobre a expressão e seu conceito. Aparentemente, isso se dá como fruto de uma necessidade explicativa concernente ao conceito de *superação* [*Aufhebung*], demonstrando suas possíveis dificuldades. Dessa forma, entende-se que o conceito de *superação* [*Aufhebung*] possa ser esclarecido à luz dos problemas relacionados ao conceito de *dever*, que está presente na *Ciência da Lógica* – Doutrina do Ser – e na *Enciclopédia*.

Palavras-chave: Hegel, Lógica, Superação [*Aufhebung*], ser-nada-dever.

³⁹ Graduada em História pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Mestranda em Filosofia da História e Modernidade pela Universidade Federal de Sergipe – UFS

A “ESCRITA FEMININA” COMO CRÍTICA DA SUBJETIVIDADE

SÍLVIA FAUSTINO DE ASSIS SAES⁴⁰

Este trabalho tem por tema a noção geral de “escrita feminina” [“écriture féminine”], comumente vinculada aos trabalhos de Hélène Cixous, Luce Irigaray e Julia Kristeva, importantes autoras representantes da crítica feminista francesa dos anos 70. Pretende-se investigar essa noção de maneira muito breve e aprofundá-la apenas do ponto de vista em que ela se propõe como busca de uma nova expressão da subjetividade – humana, em geral, e feminina, em particular – ponto de vista este pelo qual ela também se mostra como recusa de toda linguagem estruturada conforme padrões teóricos e filosóficos do patriarcalismo, que impõe o modelo masculino sob a aparência de neutralidade. Inscrita num feminismo que se apoia no conceito de “diferença sexual” [“différence sexuelle”] como estratégia de recusa das determinações androcêntricas da feminilidade, a noção de “escrita feminina” é criticada como uma teoria essencialista, isto é, como um pensamento que “hipostasia uma essência da feminilidade que é cega à diversidade dos sujeitos femininos enquanto moldados por influências históricas e culturais heterogêneas”, conforme afirma, de modo exemplar, a pensadora feminista Rita Felsky, em seu livro *Beyond Feminist Aesthetics*, p. 60. Depois de apresentar, sumariamente, a contribuição conceitual de cada uma dessas pensadoras à noção da “escrita feminina” – o que não chega a configurar-se como um “projeto”, propriamente dito –, e de tentar fixar alguns traços comuns que aproximam suas respectivas empreitadas, é meu intuito tentar esclarecer o tipo de dificuldade conceitual que a elaboração da noção de “escrita feminina” enfrenta quando se dirige ao sistema discursivo de representação dominante na época do chamado feminismo da “segunda onda”.

Palavras-chave: Escrita; feminina; subjetividade.

⁴⁰ Sílvia Faustino de Assis Saes é professora na graduação e na pós-graduação em Filosofia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Fez graduação, mestrado e doutorado em Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado na Humboldt-Universität, em Berlim. Atua na intersecção entre estética e filosofia da linguagem, dedicando-se aos fundamentos filosóficos das retóricas e das poéticas, em diversos autores.

**PATRIOTISMO, MILITARISMO E VIOLÊNCIA NA FILOSOFIA
ANARQUISTA DE EMMA GOLDMAN**

*ME. SIZINIO LUCAS FERREIRA DE ALMEIDA*⁴¹

O presente trabalho visa debater a questão do patriotismo e do militarismo e como esses elementos contribuem na sociedade contemporânea para o desenvolvimento da violência social. Emma Goldman parece nos alertar das catástrofes de um Estado ausente à sua população, onde prevalece a miséria e a violência. Para a filósofa, diante do cenário estadunidense do início do último século, o patriotismo resultou no militarismo, fortaleceu o Estado e o capital, manteve a indústria armamentista em ascensão, resultando numa completa onda de violência. Diante do atual cenário político nacional, parece-nos que a filósofa ainda pode ser um norte para pensarmos na grande onda de violência e intolerância, sobretudo contra as minorias e pobres que se encontra em destaque no Brasil atualmente. É no uso da violência, segundo Goldman, que se impõe o poder do Estado e do capitalismo.

Palavras-chaves: patriotismo; militarismo; violência.

⁴¹ Doutorando em Filosofia pela UFS. Mestre e graduado em Filosofia pela mesma instituição. Áreas de pesquisa: Ética, Filosofia Política e Filosofia do Direito

ÉTICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DAS MULHERES: O JUÍZO MORAL SEGUNDO CAROL GILLIGAN

VICTOR FERNANDO ALVES CARVALHO⁴²

O estudo sobre desenvolvimento moral da filósofa estadunidense Carol Gilligan, publicado em 1982 com o título *In a Different Voice – Psychological Theory and Women’s Development*, revelou a existência de um permanente preconceito observacional e valorativo na construção das teorias sobre desenvolvimento moral de Sigmund Freud a Lawrence Kohlberg. Embora os estudos sobre juízo moral reivindiquem universalidade, esses mesmos estudos, por considerarem implicitamente as experiências masculinas como normas, têm excluído as mulheres das suas amostragens, razão pela qual elas sempre aparecem como desviantes – o ponto “fora da curva” do desenvolvimento moral. Essa desconsideração histórica das experiências das mulheres deixou os teóricos da moralidade inconscientes acerca de uma concepção alternativa de maturidade: a ética do cuidado, segundo a qual a consciência da conexão interpessoal enseja o reconhecimento da responsabilidade de uns pelos outros. O “eu” é avaliado por seu potencial de cuidado, pela necessidade de resposta, pelo entendimento da vida como narrativa de relacionamentos e pela crença na comunicação como método de solução de conflito. Esse “eu” construído pela conexão contrasta com o “eu” próprio da ética da justiça, definido pela separação que abstrai o problema pessoal da situação interpessoal, encontrando na lógica da equidade e no ordenamento hierárquico de valores uma maneira objetiva de decidir dilemas morais. Enquanto a ética da justiça entende a responsabilidade como limitação de ação a partir de regras impessoais e abstratas, a ética do cuidado focaliza a complexidade dos relacionamentos e a relatividade do julgamento conforme o contexto, ante o qual qualquer verdade sucumbe. Ao colocar em evidência que as categorias do conhecimento são construções humanas e que a neutralidade científica é apenas aparente, o trabalho de Gilligan reveste-se de especial relevância, sobremaneira por oportunizar uma autorreflexão na Filosofia e nas Humanidades em geral, bem como no Direito, cuja racionalidade está ancorada na ética da justiça.

Palavras-chave: ética do cuidado; feminilidade; desenvolvimento moral; maturidade moral.

⁴² Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Sergipe (2018) e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da mesma instituição. Tema de pesquisa: Ética do Cuidado e Justiça Restaurativa. Advogado.

ACERCA DA REFLEXÃO SOBRE O GOSTO DE MADAME DE LAMBERT*PROF. DR. VLADIMIR DE OLIVA MOTA*⁴³

Inserida numa tradição a que se convencionou de chamar de “Estética do sentimento”, em sua Reflexão sobre o gosto, Madame de Lambert afirma que este é uma espécie de instinto que nos arrasta, que nos conduz mais seguramente do que todos os raciocínios. Para a filósofa, o gosto depende da experiência e não de qualquer consideração conceitual, ele não está subordinado a regras da beleza, mas a algo indeterminado ou mesmo indeterminável. Contudo, esse caráter do gosto não autoriza o seu relativismo. O que aqui se pretende é compreender essa tensão no pensamento estético de Madame de Lambert, a saber: por um lado, uma subjetividade do gosto, vinculado à adequação do objeto a disposições dos órgãos perceptivos acerca do modelo de beleza que desconhecemos; por outro, a busca pela formulação de uma resposta crítica, por uma universalidade do gosto que depende do conceito de exatidão dos sentidos. A solução de Madame de Lambert retoma uma noção de exatidão dos sentidos cara ao pensamento estético da passagem do século XVII para o XVIII, a saber: o “não sei quê”. Para reconstruir essa solução da filósofa, será necessário, em um momento, resgatar o significado e sua fonte da noção de “não sei quê”, identificada em Dominique Bouhours, e, em seguida, articular os textos Reflexão sobre o gosto e Discurso sobre a delicadeza de espírito e de sentimento com a obra sobre a qual esses dois textos orbitam: Reflexões novas sobre as mulheres. Assim, é possível entender que, para Madame de Lambert, o gosto é esse “não sei quê” que se sente e não se pode dizer, mas que conhece o que convém e que faz sentir em cada coisa a medida que é preciso ter.

Palavras-chave: Madame de Lambert. Gosto. “Não sei quê”.

⁴³ Doutor em Filosofia (USP), Professor do Departamento de Artes Visuais e Design e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS)